

Atitudes e normas sociais dos Europeus sobre a transição para a vida adulta

Tiago Lapa da Silva
Universidade de Cambridge
CIES-ISCTE

Enquadramento conceptual

- O processo de institucionalização estão relacionadas com a análise estrutural e, têm como objectivo, perceber até que ponto a ocorrência e a sequenciação das trajectórias do curso de vida são “organizadas” e até padronizadas pelo Estado e por arranjos institucionais (Mayer e Schoepflin, 1989). Hagestad e Neugarten (1985: 35) e Settersten e Mayer (1997) sugerem que cada sociedade é caracterizada por um sistema etário que divide o ciclo de vida em etapas da vida socialmente reconhecidas e institucionalizadas em estruturas normativas. Estas etapas podem ser definidas por eventos (sair da casa dos pais, entrar no mercado de trabalho, etc) que funcionam como “marcadores” do ciclo de vida.
- O conceito de individualização remete para a tendência social de viver a vida como um projecto cada vez mais individualizado (Beck, 1992; Giddens, 1991; Beck e Beck-Gernsheim, 2002). A individualização serve-se de indicadores como o retrocesso das normas tradicionais e de pressões normativas externas aos indivíduos – exercidas pela Igreja, família, etc. (Buchmann, 1989) – e a maior variabilidade e despadronização do ciclo de vida (Beck, 1992; Giddens, 1993; Beck e Beck-Gernsheim, 2001).

- Transformações demográficas, interligadas entre si, que caracterizam a 'Segunda Transição Demográfica': envelhecimento demográfico, decréscimo dos índices de fecundidade, adiamento do casamento e da formação da primeira família e diversidade crescente de modelos familiares (Lesthaeghe, 1995; van de Kaa, 1987). Mudanças na instituição família incluem mudanças no ritmo e nos tempos da vida, tais como na idade média em que se tem o primeiro filho ou em que se forma a primeira família.
- Apesar de mudanças tidas como universais a diversidade europeia persiste. De acordo com Billari (2004), o padrão do sul da Europa de postergar a saída de casa dos pais, a formação de família e a parentalidade coabita com o modelo 'madrugador' do norte da Europa no que respeita à transição para a vida adulta.

Metodologia e dados

- Dados do módulo “The Timing of life” da terceira vaga do Inquérito Social Europeu (2006).
- Divisão das perguntas, sobre os ‘marcadores’ considerados importantes da vida adulta e sobre as normas etárias, segundo o que os respondentes (independentemente do seu sexo) acham apropriado para homens e para mulheres. Esta metodologia permite aferir a existência de ‘dualidades de critério’ nos papéis de género, em particular, no que respeita à transição para a vida adulta.
- É seguido o conselho de Mayer (2001) de limitar o número de países estudados uma vez que poderá ser mais frutífero e menos superficial no trabalho de comparação que seguir uma estratégia universalizante. Na escolha dos países incluídos na análise, teve-se em conta a taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho, a escolaridade média de cada país e os diferentes tipos de Estado-providência, identificados por Mayer e Torres (2006).
- Análise dos dados da Suécia, Finlândia (tipo “social-democrata”), Holanda (tipo misto entre o “social-democrata” e o “continental conservador”), Alemanha (“Continental conservador”), Reino Unido (“liberal”), Espanha e Portugal (“Desprivilegiado”).

Tabela 1: Média da idade ideal segundo os inquiridos para...

	Começar a viver com parceiro(a) sem ser casado(a), idade ideal	Casar e viver com marido/esposa, idade ideal	Ser mãe/pai, idade ideal
Suécia	21,6	25,4	26,4
Finlândia	20,7	23,6	24,9
Holanda	22,8	25,4	27,3
Alemanha	22,8	25,7	26,5
Reino Unido	21,5	24,2	25,6
Espanha	24,0	26,0	27,4
Portugal	23,5	24,1	25,3

Tabela 2: Média da idade considerada demasiado jovem ou demasiado velha para...

	Deixar educação a tempo inteiro, demasiado JOVEM	Começar a viver com parceiro(a) sem ser casado(a), demasiado JOVEM	Casar e viver com marido/esposa, demasiado JOVEM	Ser mãe/pai, demasiado JOVEM	Viver com os pais, demasiado VELHO
Suécia	19,0	18,7	20,4	20,3	26,4
Finlândia	19,2	18,6	19,5	19,7	26,4
Holanda	16,9	18,7	19,6	20,2	28,4
Alemanha	16,8	18,5	20,0	19,9	27,7
Reino Unido	16,4	18,7	19,5	19,6	28,8
Espanha	16,6	18,6	19,4	19,6	31,0
Portugal	16,9	18,3	18,8	18,9	31,4

Figura 1: Diferença de médias entre a idade ideal para mulheres e para homens segundo os inquiridos (Idade média para as mulheres – idade média para homens)

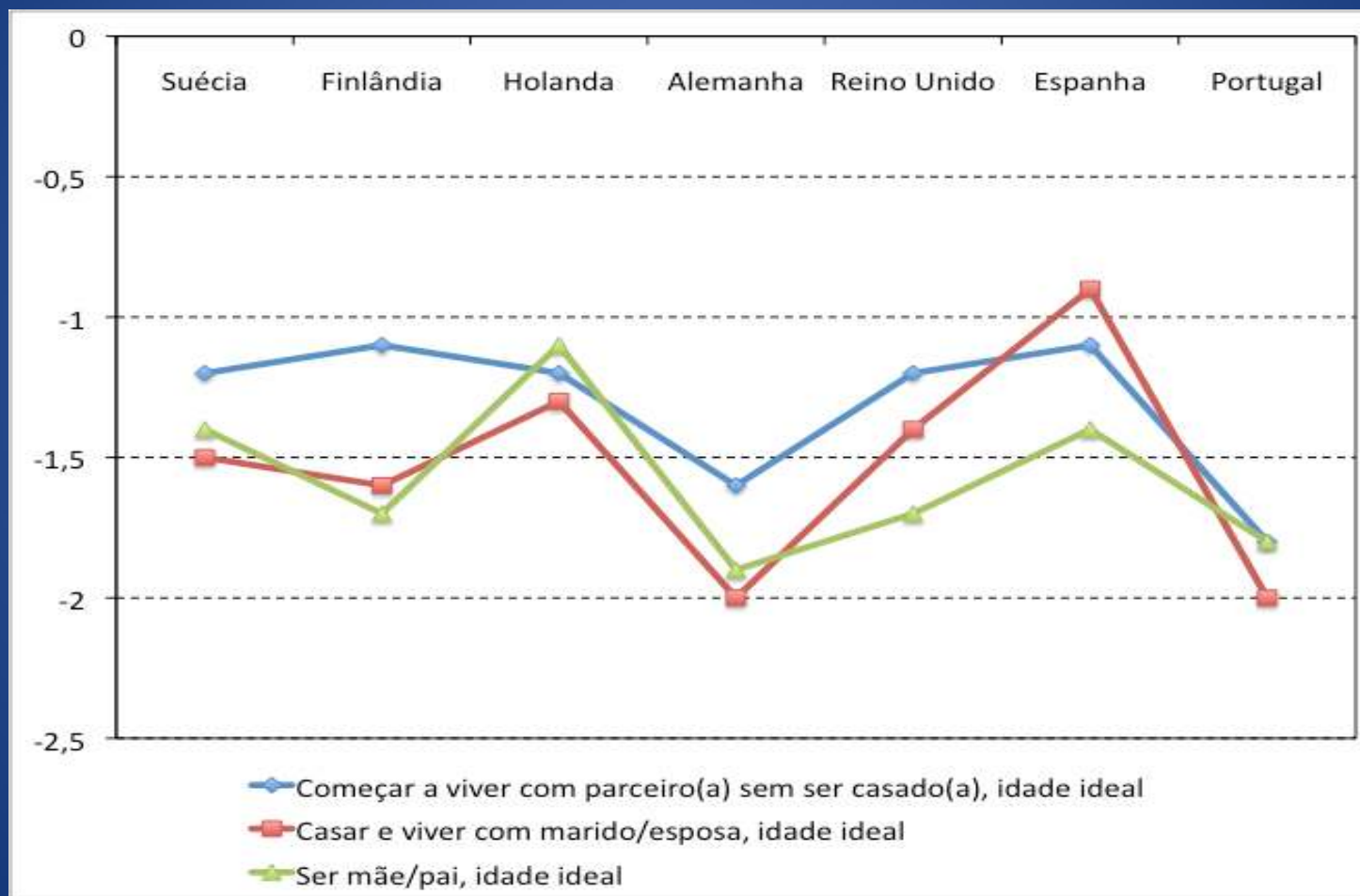


Figura 2: Normas para as idades apropriadas, por grupos etários

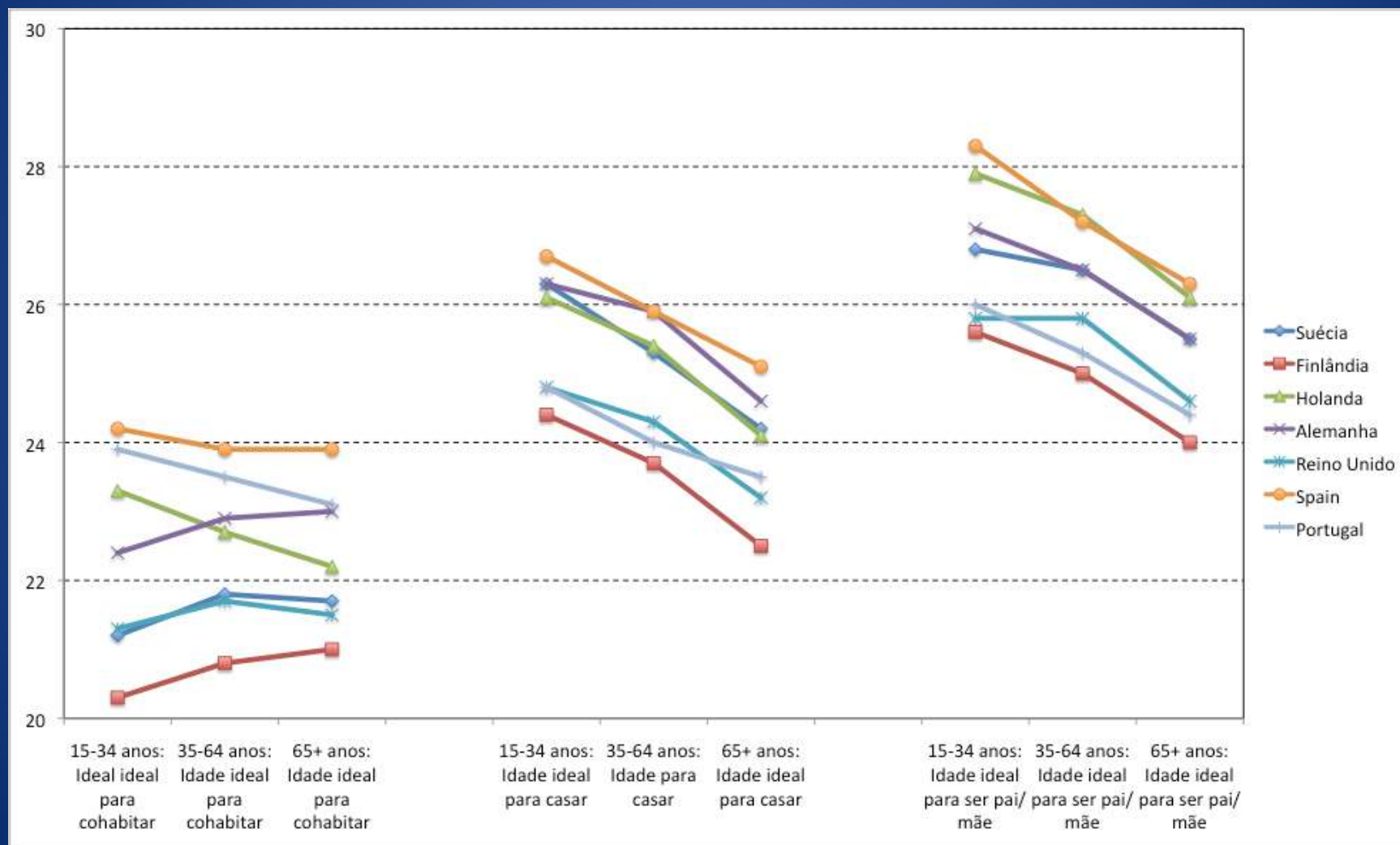


Figura 3: Para ser considerado adulto, qual a importância...

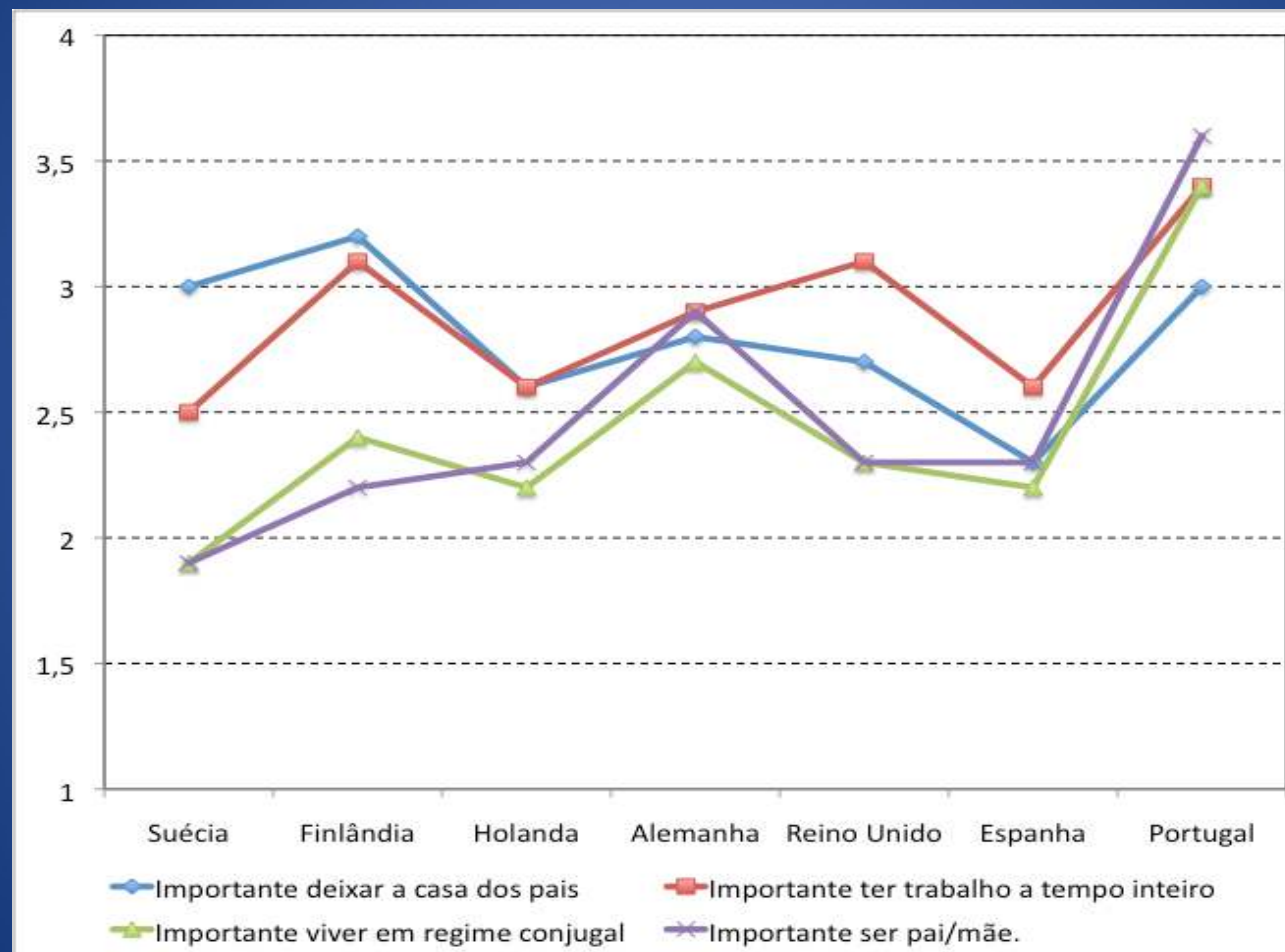


Figura 4: Para ser considerado adulto, é importante...

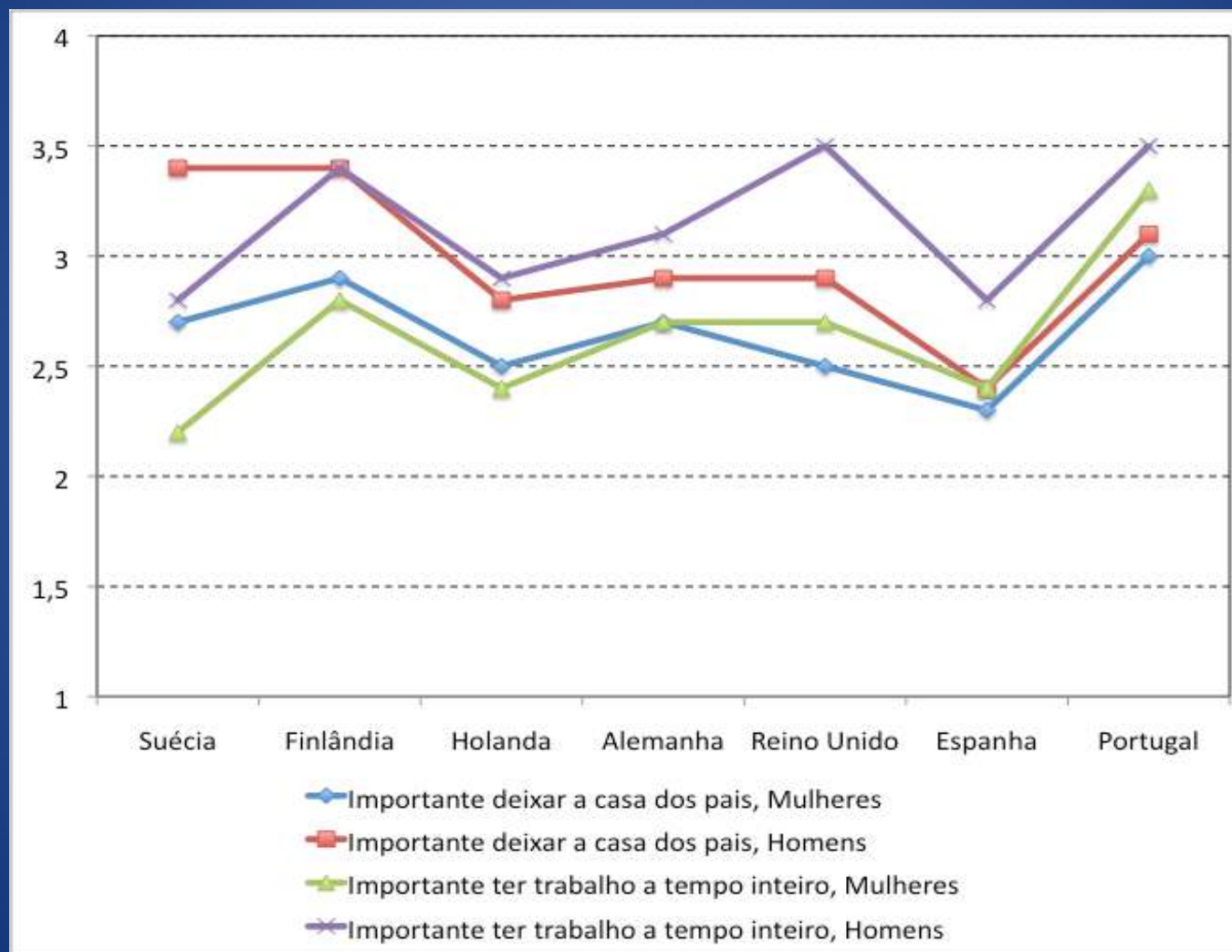


Figura 5: Para ser considerado adulto, é importante... (por grupos etários)

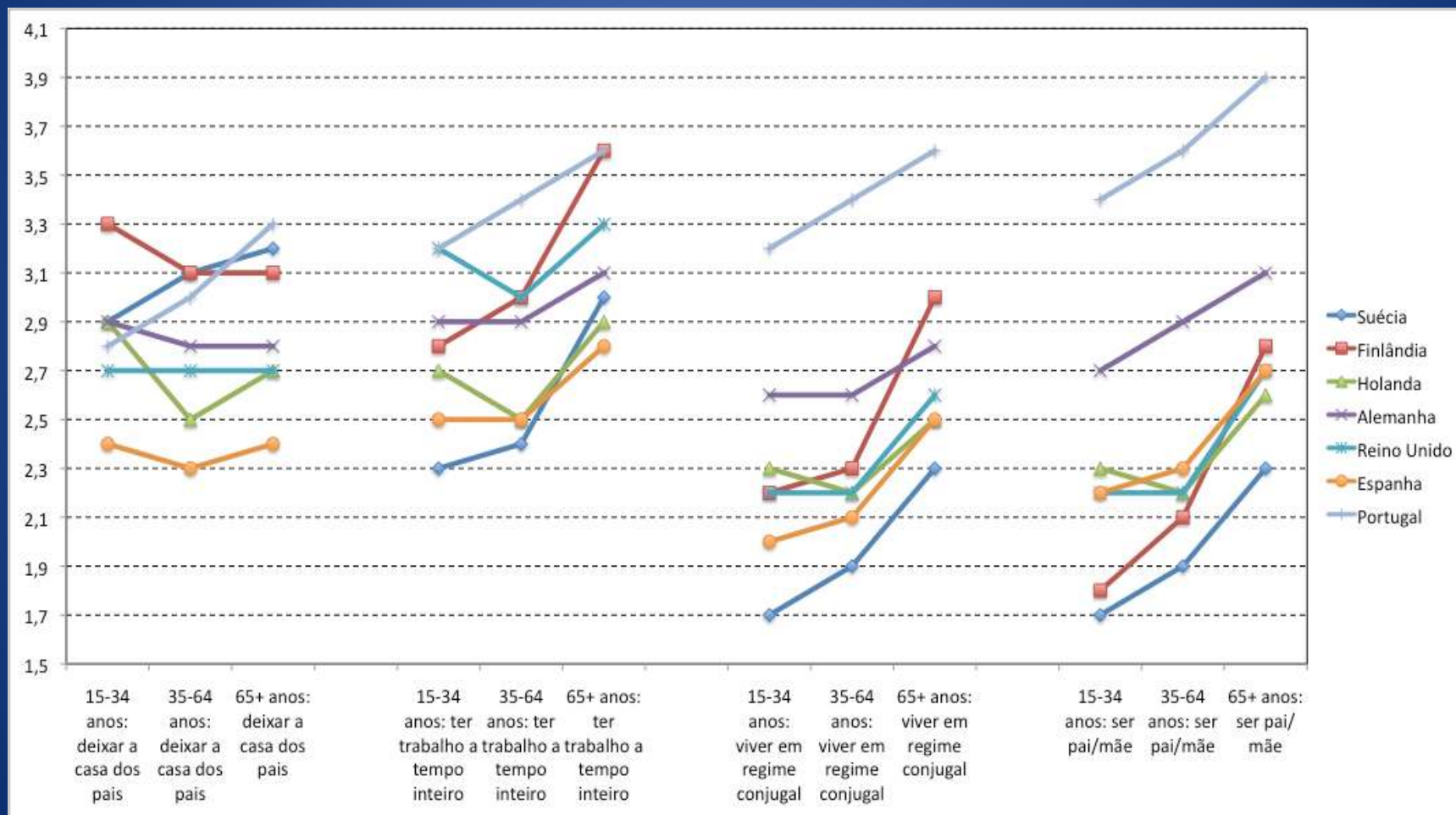


Tabela 3: Regressão logística, Para ser considerado adulto...

	Importância de deixar a casa dos pais	Importância de ter trabalho a tempo inteiro	Importância de viver com marido/esposa ou parceiro(a)	Importância de ser mãe/pai
	B	B	B	B
País				
Alemanha	,187	-1,021	-1,782	-1,808
Espanha	,811	-,620	-1,145	-1,187
Finlândia	-,230	-,841	-,880	(-,182)
Reino Unido	,548	-1,088	-,700	-,650
Holanda	,477	-,228	-,781	-,534
Portugal	,284	-1,408	-2,608	-2,570
Alguma vez desempregado nos últimos 5 anos	(,044)	(-,002)	(,127)*	,134
Sexo	,288	,182	(-,037)	(,007)
Actividade principal				
Trabalho pago	(,233)*	(-,034)	(,188)	(,101)
Educação	(,118)	(,017)	(,181)	(,120)
Desempregado, à procura de emprego	(,282)	-,071	(,128)	(,181)
Educação				
1ª fase do Básico	(,130)	-,440	-,740	-,870
2ª fase do Básico	,348	-,378	-,486	-,478
Secundária ou pós- secundária	,230	-,128	(-,080)	(-,110)
Constante	(-,247)	1,829	2,777	2,410
Teste Hosmer e Lemeshow	,445	,410	,440	,322
Nagelkerke R2	,038	,078	,151	,212
N	9505	9528	9531	9532

Categorias que são pontos de comparação ou que foram omitidas: Suécia; indivíduos que não estiveram alguma vez desempregados nos últimos cinco anos; sexo feminino; desempregado, sem estar à procura de emprego; o ensino superior. Todos os coeficientes são significativos para um nível de significância de 0,05, exceptuando os coeficientes entre parêntesis. O teste Hosmer e Lemeshow diz-nos que todos os modelos são adequados para um nível de significância de 0,05. A medida de associação Nagelkerke diz-nos a variância explicada pelo modelo. Quanto à importância de ser pai/mãe as variáveis no modelo explicam 21,2% da variância, porém, no que se refere à importância de deixar a casa dos pais, as variáveis no modelo apenas explicam 3,9% da variância.

* coeficientes significativos para um nível de significância de 0,1.

Conclusões

- Comparando os resultados com as previsões das teorias da 'Segunda Transição Demográfica' (van de Kaa, 1987) que previam uma convergência das sociedades europeias, verifica-se que essa convergência está ainda longe de acontecer, em particular, no que respeita a atitudes e a normas.
- Sociedades como a Finlândia, e em especial, a Suécia parecem, do ponto de vista normativo, as mais individualizadas no que respeita aos modelos familiares (viver em regime conjugal ou ter filhos) que possam servir de marcadores da vida adulta. Contudo, a Espanha mostra-se próxima dessas sociedades no que respeita à valorização desses marcadores, enquanto que a Alemanha aparece próxima de Portugal nessa valorização. Ora, estes resultados não encaixam na noção de que o sul da Europa, no seu conjunto, é retardatário em relação ao norte no que respeita ao processo de individualização.
- As normas etárias dos europeus reflectem as mudanças da descritas pela 'Segunda Transição demográfica'.

- Quanto à divisão entre um modelo de transição para a vida adulta 'tardio' ou 'postergador' no sul e 'madrugador' no norte da Europa, ele parece fazer sentido, em especial, se compararmos a Espanha com a Finlândia e a Suécia. Contudo, Portugal não se encaixa confortavelmente nessa divisão. As normas quanto à idade ideal para casar ou para ter filhos reflectem um modelo 'madrugador' no nosso país no que respeita à formação de uma nova família (Torres, Mendes e Lapa 2007).
- Em geral, Portugal dá mais importância aos marcadores da vida adulta do que a generalidade dos países europeus considerados. Este poderá ser um indicador de que ainda existe, no nosso país, uma institucionalização marcada, ao nível normativo, dos passos que os jovens devem tomar para serem considerados adultos. A organização do mercado de trabalho português (muitas vezes baseado nos trabalhos pouco qualificados e nos baixos salários) e a fraca escolarização da população aliada a taxas altas de abandono escolar são factores espelhados nas normas quanto à transição para a vida adulta.
- As instituições sociais de países como a Finlândia e a Suécia permitem que haja uma autonomia existencial dos jovens mais precoce o que poderá levar a uma maior valorização da saída de casa dos pais como marcador da vida adulta. Os dados sugerem que uma 'nova' standardização da vida adulta possa estar a acontecer nos países nórdicos, que celebra a autonomia face aos outros em detrimento da valorização da constituição de família como 'marcador' da vida adulta.

- Existe dualidade de critérios para homens e mulheres: é esperado que a transição feminina seja mais precoce que a dos homens. Por outro lado, parece haver uma maior pressão social para que os homens adultos sejam autônomos dos outros.
- Existe um declínio geracional na importância da conjugalidade e da parentalidade como 'marcadores' da vida de adulto. Os dados sugerem que uma nova representação social do adulto pode estar a emergir: nas novas gerações é mais valorizada a autonomia face aos outros (autonomia existencial e financeira). Por outro lado, há cada vez mais uma recusa de definir a vida adulta através de eventos circunscritos no tempo como casar e ter filhos.